



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOYCE JERONIMO DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA UMA GEOGRAFIA COM POESIA: a
concepção do espaço na poesia de Conceição Evaristo**

**GUARABIRA/PB
2024**

JOYCE JERONIMO DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA UMA GEOGRAFIA COM POESIA: a
concepção do espaço na poesia de Conceição Evaristo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao departamento de
Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de licenciada em Geografia.

Linha de pesquisa: Geografia Cultural e
da Percepção

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

GUARABIRA/PB
2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O478c Oliveira, Joyce Jeronimo de.

Contribuições da literatura para uma geografia com poesia:
[manuscrito] : a concepção do espaço na poesia de Conceição
Evaristo / Joyce Jeronimo de Oliveira. - 2024.
50 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva,
Departamento de Geografia - CH".

1. Geopoética. 2. Espaço. 3. Interseccionalidade. 4. Corpo
negro. I. Título

21. ed. CDD 910

JOYCE JERONIMO DE OLIVEIRA

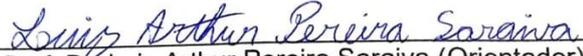
**CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA UMA GEOGRAFIA COM POESIA: a
concepção do espaço na poesia de Conceição Evaristo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Geografia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciada em
Geografia.

Linha de Pesquisa: Geografia
Cultural e da Percepção

Aprovada em: 18/11/2024

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Iany Elizabete da Costa
Prefeitura Municipal de Olinda-PE


Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha tia Ici, com saudade, pela
dedicação, companheirismo e amizade,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao Universo, em sua infinita sabedoria e aqueles que me guiam e fizeram essa jornada ser possível e a Stolas.

A Cigana Menina da estrada, a Sra. Rosa Vermelha, a Sr. Marabó Toquinho, meu infinitíssimo respeito e gratidão.

A minha avó Alice por toda dedicação empenhada em minha vida e ao meu avô Manoel (*in memoriam*) por ter sido além de avô, um pai para mim e para minha irmã.

A minha mãe Ivone Jerônimo que me gerou e cuidou de mim, sem a senhora nada essa jornada seria possível, agradeço pelo seu amor e apoio incondicional.

A minha irmã Shayane e meu irmão Enzo Gabriel, vocês são tudo para mim.

A minha tia Maria Eunice (*in memoriam*) por ter sido a minha segunda mãe e a minha melhor amiga, agradeço pelo amor, apoio e amizade.

A minha tia-avó Crizalda e ao meu tio Ivanildo pelo carinho e pelas conversas que me arrancam gargalhadas.

Ao meu orientador o Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva pela paciência e dedicação comigo, agradeço por acreditar em mim e que esse trabalho fosse possível.

A professora e amiga Dra. Iany Elizabethe da Costa, pela amizade, paciência, pela força nos momentos de ansiedade e pelas contribuições na banca.

Ao Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas por aceitar fazer parte da banca e pelas contribuições nesse momento tão importante para mim.

Aos meus irmãos do coração Madalena Avelino e Claus Quaresma por todo apoio e incentivo, eu amo vocês.

A Ramon Lucas pelo apoio e incentivo poético, agradeço pela poesia de cada dia.

Aos meus colegas e amigos Renan Marinho e Jacksiel Maximino pelos momentos de amizade e apoio.

A poesia, pois sem ela esse trabalho não seria possível, pois é escrevendo e lendo poesia que a vida vale a pena. Obrigada minha fiel companheira, pois nos momentos de alegria, febre e solidão é pra ti que recorro.

*"A casa, certamente,
era o símbolo da minha personalidade
e do seu campo consciente de interesses;
a ala desconhecida
da residência representava a antecipação
de um novo
campo de interesse e pesquisa de que, na
época,
a minha consciência não se apercebera."*

Jung

043. LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

OLIVEIRA, Joyce Jeronimo de. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA UMA GEOGRAFIA COM POESIA: a concepção do espaço na poesia de Conceição Evaristo, 2024, 50p.

LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA CULTURAL E DA PERCEPÇÃO

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

BANCA EXAMINADORA: Profa. Dra. Iany Elizabete da Costa
Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas

RESUMO

O presente trabalho se refere às contribuições da literatura para uma geografia com poesia e como a discussão fenomenológica pode contribuir reunindo elementos relevantes para analisar a geografia através da crítica social da poesia lírica. Relacionamos o espaço geográfico, categoria central de nossas reflexões, às contribuições de Gaston Bachelard e ao conceito de topoanálise ao estudo do espaço na obra literária que investiga os locais da vida íntima, retirado do livro A poética do espaço do mesmo autor, para analisar o espaço na literatura, destacando outros conceitos cuja memória guarda as características do espaço casa da infância e ganha destaque através dos espaços e sua polaridade. Tem-se a hermenêutica fenomenológica como método de abordagem, levantando questões de análise no poema de Conceição Evaristo, sobre o espaço habitado e o corpo como nosso primeiro espaço, no qual a casa ganha um outro significado para um novo olhar sobre a relação do ser humano com a natureza e com seu próprio corpo. Com isso, destacamos como a literatura pode ser objeto de denúncia dos problemas sociais além do âmbito da disciplina.

Palavras-Chave: Geopoética, espaço, interseccionalidade, corpo negro.

043. FULL DEGREE IN GEOGRAPHY

OLIVEIRA, Joyce Jeronimo de. CONTRIBUTIONS OF LITERATURE TO A GEOGRAPHY WITH POETRY: the conception of space in the poetry of Conceição Evaristo, 2024, 50p.

LINE OF RESEARCH: CULTURAL GEOGRAPHY AND PERCEPTION

ADVISOR: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

EXAMINING BENCH: Profa. Dra. Iany Elizabete da Costa
Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas

ABSTRACT

The present work refers to the contributions of literature to a geography with poetry and how the phenomenological discussion can contribute by bringing together relevant elements to analyze geography through the social criticism of lyrical poetry. We relate geographic space, the central category of our reflections, to the contributions of Gaston Bachelard (1978) and to the concept of topoanalysis to the study of space in the literary work that investigates the places of intimate life, taken from the book *The Poetics of Space* by the same author, to analyze space in literature, highlighting other concepts whose memory keeps the characteristics of the space home of childhood and gains prominence through spaces and their polarity. Phenomenological hermeneutics is used as a method of approach, raising questions of analysis in Conceição Evaristo's poem, about the inhabited space and the body as our first space, in which the house gains another meaning for a new look at the relationship of the human being with nature and with his own body. With this, we highlight how literature can be the object of denouncing social problems beyond the scope of the discipline.

Keywords: Geopoetics, space, intersectionality, black body.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 POR UMA GEOGRAFIA COM POESIA.....	14
3 O espaço da casa poética na poesia de Conceição Evaristo.....	18
3.1 O corpo como espaço de experiência	24
3.2 O quarto do despejo	32
3.2.1 O porão, inconsciente onde estão os medos.....	36
3.2.2 A gaveta, os cofres e os armários uma reflexão.....	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERENCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo oferece uma contribuição através da literatura, como ela pode ser um objeto de denúncia e reflexão que amplia as fronteiras e traz nas obras literárias alusões a conceitos geográficos, sendo possível seu diálogo ao relacionar o espaço e a interação do ser, a identificação de paisagens urbanas, de campo, de guerra, além da natureza e a construção da identidade da região.

Neste estudo, objetivamos investigar acerca das contribuições da literatura, no que pode auxiliar na reflexão e expandir o universo de análise para uma Geografia com poesia, se utilizando da fenomenologia como principal ferramenta de análise. Desse modo, para um objetivo mais específico, apresentamos discussões a respeito da interação da Geografia e literatura, compreendendo como evoluiu o pensamento que se utiliza da literatura para estudos do campo geográfico. Para tanto, cabe-nos fazer um comparativo das principais linhas de pensamento abordadas e analisar os poemas, relacionando-os a categoria geográfica: espaço; levantando reflexões trazidas pelo mesmo.

Seguimos a abordagem metodológica hermenêutica fenomenológica baseada na revisão bibliográfica acerca dos pensamentos de autores como Corrêa (1998), Milton Santos (2002) e Pinheiro Neto (2012), que trazem caminhos para compreendermos o conceito de espaço e no que se refere à sua poética trouxe reflexões de Bachelard (1986), tendo a poesia de Conceição Evaristo (2017) como um convite para essa ligação sensível entre a poesia e a Geografia.

Em que a evidência da casa da infância proposta, o quarto do despejo e o espaço do porão em que a Conceição traz a escrevivência, no qual a vivência de mulheres negras são a matéria prima para suas obras em que destacam duas abordagens importantes, pois uma a perspectiva decolonial e a outra a abordagem interseccional, em que a primeira busca a valorização das vozes marginalizadas, a desconstrução do âmbito colonial, desafiando as representações estereotipadas, ao mesmo tempo que destaca a dignidade, resgatando a história das comunidades negras, abrindo espaço a pluralidade das vozes negras.

A abordagem interseccional que Conceição destaca os diferentes sistemas de opressão como, gênero, raça, sexualidade e classe, destacando as formas de discriminação dentro das experiências vividas por indivíduos que ocupam um lugar de marginalização, o que possibilita através da literatura negra, fazer uma ponte

interdisciplinar para repensar a geografia negra. Uma vez que o espaço dentro de sua poesia é um espaço negro, destacando a resistência da mulher negra na sociedade brasileira.

A Geografia humanista traz ideias de John K. Wright, que influenciou os/as geógrafos/as a estudarem os mecanismos da imaginação, contribuindo para a Geografia quanto à incorporação da fenomenologia e da subjetividade, levando suas reflexões aos aspectos íntimos e dando significado às emoções e às vivências do mesmo, uma vez que o indivíduo se baseia em uma consciência individual. Só através da fenomenologia é possível extrair novos estudos acerca do conceito do espaço vivido, considerando a experiência particular e o cotidiano, no qual Husserl, em seus estudos filosóficos, estruturou o fenômeno como descrição em que extrai da consciência a essência no qual foi experienciado através da realidade do indivíduo. Uma área da ciência que alavanca a conversa entre Geografia e a poesia é por meio dos estudos de Geografia humanista e Corrêa (1998) que, em meados da década de 1990 no Brasil, começa a difundir as suas ideias na Geografia humanista e cultural.

A geografia literária é construída a partir de estudiosos/as tanto da geografia como da literatura, com uma possível relação: de um lado, temos o olhar geográfico diante dos acontecimentos que inspiram os textos literários, como, de certo modo, compreendemos a literatura; e, por outro lado, temos o cultivo literário que constrói as nuances de um espaço e sua problemática diante das tramas literárias, como uma expressão da condição humana.

Aproximamos a literatura da geografia, em que os/as geógrafos/as se utilizam da arte literária como objeto de pesquisa na ciência geográfica, sendo capaz de ser destacada sua relação mediante a abordagem cultural, a fim de compreender as relações da humanidade com o espaço em que vive; sobretudo, para os/as geógrafos/as humanistas. Em termos de gênero literário, parte de uma geografia literária para uma geopoética que, apesar de representar um desafio significativo para a área impondo limites sugestivos, é possível sua abordagem e análise literária em geografia.

O ponto de partida se deu através do interesse pela poesia em seus aspectos subjetivos e o que ela poderia contribuir como estudos a respeito de conceitos geográficos que se comunicam com a literatura em temporalidade histórica e contemporânea, cuja narrativa destaca experiências e as configura para uma possibilidade de compreender o mundo e o espaço à nossa volta. Apesar dos

desafios, o material de investigação abraçando o conceito geográfico é o espaço, como sugere Bachelard (1978), e o fato das pessoas habitarem e transformarem isso implica para a poética desse espaço.

O conceito em questão tem uma grande complexidade que deve ser levada em consideração na visão geográfica para que, juntamente de Bachelard (1978) e Merleau-Ponty (1980), possamos retirar reflexões importantes acerca do tema. Já a literatura, por outro lado, proporciona e cria espaços em que o indivíduo contempla, por meio da vivência ou não do autor/a, e possibilita sua interação com a Geografia.

De modo que é possível identificar os conflitos existentes que inspiraram a obra e isto cabe à geopoética analisar. Conceito proposto pelo franco-escocês Kenneth White, a geopoética propõe o desenvolvimento de uma relação sensível e intelectual com a Terra. Firmando o Instituto Internacional de Geopoética, em 1989, ele iniciou a abertura de um campo, no qual possibilitou um grande trabalho, com o objetivo de sacudir com o pensamento cartesiano herdado do passado do Ocidente, que permite qualquer ação em nome do progresso e da conquista do ser humano sobre a natureza. Propondo uma resistência que precede a uma vivência nas sociedades em que o indivíduo denota uma certa inatividade e fazendo com que não saibamos mais habitar nossos espaços cotidianos. Ao mesmo tempo, a pesquisa e a criação de um conceito e de um instituto que, em 1996, sete anos após a criação, expandiu uma rede de centros e de ateliês. Dessa maneira, juntou grupos de diversos artistas, contando com escritores/as, professores/as e profissionais formados/as.

Desse modo, as metáforas espaciais passam a impregnar os discursos pelo qual renova-se uma literatura que contribui para a renovação do espírito da condição humana, o que demonstra que o espaço não é, para escritores/as, meramente um cenário exterior, mas sim uma expressão de valores e de inúmeras significados tais como seu imaginário mais íntimo, no qual se denota portador de uma potencialidade em que se considera invenção formal e linguística.

Existem estudos que examinam os aspectos da Geografia no âmbito da natureza, em que se estruturam os conhecimentos entre diferentes saberes que permeiam a cultura e o espaço geográfico. Ao entendermos a Geografia como uma ciência que apresenta pontos de análise da sociedade e do cotidiano e desenvolver o olhar geográfico através da literatura, torna presente a reflexão da narrativa. A poesia contribui para os estudos geográficos que buscam outras formas de abordagem, pois ela “lida com diversos aspectos da vida do homem; um desses aspectos é o espaço,

tanto fictício quanto real” (Pinheiro Neto, 2012, p. 325). Conhecer a Geografia presente nos textos literários chamou atenção de muitos/as estudiosos/as que, a partir de 1970, aprofundaram seus estudos.

2 POR UM ESPAÇO POÉTICO NA GEOGRAFIA

Ao nos depararmos com a ideia de uma Geografia com poesia, também nos foi apresentado que o ser humano, desde o início dos tempos, possui a sua necessidade de alcançar a compreensão da natureza, do espaço geográfico, assim como outros conceitos que a Geografia emprega e estuda. O indivíduo, em sua busca por explicações acerca de sua existência e lugar no mundo, apega-se ao cotidiano vivenciado e, ao mesmo tempo, alcança a subjetividade e se coloca de frente com a sensibilidade e a razão pelo qual se é possível refletir acerca do espaço.

O espaço geográfico é o objeto estudado pela ciência geográfica, todavia, é o conceito que é abordado de modo a ser semelhante à realidade do cotidiano, podendo ser destacada na literatura e na relação sujeito-literário, que é o protagonista da história pelo qual o enredo acontece, com o ambiente que o cerca. Claval (2007, p. 99) destaca que “o que nós vemos nos agrada, nos emociona, nos amedronta. O olhar participa da experiência que temos dos lugares e de sua dimensão emotiva – por vezes estéticas”.

Através da literatura em seus gêneros, sejam contos, crônicas, romances e poesia, esse conceito é abordado de modo que pode ser levado a hipótese em que o cenário está relacionado ao espaço, principalmente o olhar do personagem quando interage ou não com o cenário. Desse modo, é esse contexto que determina o espaço onde vive o indivíduo, modificando e construindo de forma que estabeleça sua interação e afetividade ou não do mesmo, podendo ter valores simbólicos presentes nesse espaço.

Na medida em que é uma porção do meio natural modificada pelo homem, em que suas características e elementos existentes formam a paisagem, isto é, sendo percebida e analisada através dos sentidos, aponta Tuan a questão das percepções, com ênfase ao sentido da visão: "dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual" (Tuan, 1974, p. 7).

Nessa perspectiva, a visão acaba se sobrepondo aos outros sentidos, sobretudo na cultura hipermediática-imagética contemporânea. Não que os demais órgãos que apreendem a realidade não sejam importantes, mas é através da visão que, primeiramente, temos contato com a paisagem, uma vez que ao olharmos determinada paisagem é possível, por exemplo, presumir que há perigo ou não naquele lugar, quando nossa visão e emoções são capazes de “ler” o ambiente.

Milton Santos destaca que a formação do espaço é desigual e tentar defini-lo é uma tarefa bastante complexa, tendo em vista que ele se mostra distinto em comparação com um lugar e outro, ele sofre manifestações ao longo da história, que é mutável e dinâmica. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (Santos, 1978, p. 122).

Em uma análise literária, o espaço é um elemento que corresponde ao ambiente pois se configura a um núcleo físico, ou seja, geográfico, em que o cenário possui valor determinante para os personagens. Com isso, a reflexão se passa sem a necessidade de uma busca por um foco maior acerca da construção do conceito como o campo geográfico geralmente faz. Merleau-Ponty (1999) destaca uma possível forma de trabalhar com a Geografia e a arte, em que a Geografia pode ser expressa artisticamente, em sua estética mais ampla e buscar na arte e na vivência do cotidiano assim como faz a Geografia humanista.

O humanismo é associado a valores científicos clássicos e contemporâneos mesmo um contraponto crítico as escolas positivistas e especificamente na geografia mostrando sua força nas décadas de 1950 e 1960. Marc Brosseau destaca as múltiplas abordagens geográficas da literatura, bem como a ordem cronológica histórica, em que é possível relacionar como a literatura é vista pelas diversas correntes. Segundo ele, o interesse pela literatura não é algo novo apesar de que permaneceu por algum tempo de forma marginal até a década de 1970, quando a geografia humanista passa a defender fortemente as utilizações das “fontes literárias nas pesquisas geográficas (Brosseau, 1996, p. 25).

A geografia sob a ótica de que o espaço possui apreensão tanto geométrica quanto abstrata e ao mesmo tempo empírica pode-se assim oferecer um objeto em que se enraíza de modo pragmático de estudo do espaço geográfico em que permite a contribuição da sociedade ou do tempo como da história, ainda que se veja como

ciência da “superfície da terra”, ou seja do “espaço geográfico”. O geógrafo Edward Soja faz alusões sobre o resgate do conceito do espaço geográfico, cuja estrutura:

Não é uma estrutura separada, com suas leis autônomas de construção de transformação, nem tão pouco é simplesmente uma expressão de estrutura de classes que emerge das relações sociais (e, por isso, há traços espaciais?) de produção. Ela representa, ao contrário, um componente dialeticamente definido das relações de produção gerais, relações estas que são simultaneamente sociais e espaciais (SOJA, 1993, p. 99).

O espaço por sua vez sendo um objeto geométrico é capaz de embarcar no sentido que se insere o ser humano nesse espaço, sendo plicado no sentido mais amplo da relação do ser humano e da natureza, quando se respalda a consideração do ser humano com um mero produto dessa configuração espacial em que se permite a elevação do caráter crítico para que, assim, possa fazer-se uma ruptura significativa do âmbito espacial. Segundo Milton Santos:

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade explica, de outro lado, situações que apresentam na atualidade. (...) a noção de espaço assim inseparável da idade de sistemas de tempo (Santos, 1985, p. 21-22)

A literatura por sua vez, é a matéria que permite que o sujeito embarque na subjetividade e seu diálogo com a geografia pode-se ser realizado de forma consideravelmente ampla, sem desprezar as diversas correntes teóricas e metodológicas quando se permite uma interação maior no âmbito da geografia humanista. Além disso, levando em consideração as sensações, entre o que é real e o que se dispõe do imaginário é possível refletir fazer uma ponte no que cabe a ligação entre essas dicotomias existentes.

Com a existência de um Intermundo entre o mundo histórico e o mundo sensível, é o que ganha a reflexão sobre o invisível que se levanta da paisagem e que não só a visão é possível catalogar. Entretanto, com todos os sentidos, como apresenta Cosgrove (1978), em que destaca que não é apenas uma representação física, mas uma construção do âmbito social e cultural.

No que se refere a Bachelard (1978), é possível destacar a relação do espaço íntimo e a relação entre sensibilidade e espaço, sendo uma obra bastante importante para a contribuição da fenomenologia que apresenta várias possibilidades que podem

ser empregadas. Uma das categorias que o autor traz são fenomenologias da imaginação, quando o indivíduo mergulha no devaneio, estado de contemplação em que a mente se afasta da realidade cotidiana e invade o mundo dos sonhos. A fantasia da imagem é a forma pelo qual a imaginação se manifesta, por assim dizer em que é possível criar representação como, por exemplo, “casa da infância”.

O espírito se relaciona com a dimensão mais profunda da imaginação, o que nos permite transcender perante a realidade cotidiana. O da expressão é a forma que a imaginação se dispõe a se manifestar no mundo por meio da linguagem da arte, seja, da música, poesia etc. E, com isso, nos aproximamos de seus fenômenos estudados em que sugere uma fenomenologia admirável para a geo-literatura em que ele chama de “o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (Bachelard, 1978, p. 28).

O autor sugere a *topoanálise*, que estuda o espaço nas obras literárias, levando também para outros tipos de abordagem sendo filosófica, psicológica, sociológica, etc. Assim, é possível interpretar o espaço nas obras literárias, de modo que estuda a vida íntima no que se destaca no âmbito cultural e social do indivíduo, a partir do cenário que o personagem está inserido.

Nesse sentido, o filósofo aborda os espaços de modo sensitivo e afetivo como os “espaços louvados”, espaços amados e delimita: “o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (Bachelard, 1978, p. 19).

Buscando entender esses espaços destacados por Bachelard, evidenciamos que os espaços vão muito além do que o mesmo pode proporcionar, do que a vida pode contribuir. Destaca-se, precisamente, os espaços vividos sendo estas sensíveis à memória e, em algumas situações, até podem ser vistos como secundários, mas que nos levam a refletir ao longo da trajetória histórica, quais eram esses espaços e quais os indivíduos herdaram.

Nesse contexto, temos as reflexões através dos espaços da estabilidade: “é pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências” (Bachelard, 1978, p. 29). A casa desempenha certa estabilidade na relação afetiva que o indivíduo apresenta com esse espaço habitado: o indivíduo a sente como confortável em que delimita e expressa outros níveis de aproximação do espaço e “porque a casa é o nosso canto do mundo, ela é

como se diz amiúde, nosso primeiro universo. É um verdadeiro ‘cosmo’”, como afirma o autor supracitado. Sendo assim, torna-se o espaço que cabe a poética e reflexões de seus subespaços, dentro da casa grande como uma ideia para análise.

3 O ESPAÇO DA CASA POÉTICA NA POESIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

O ser humano começou a se recolher em abrigos naturais para se proteger do clima e dos animais a noite, por sua vez encontra-se em todo o país abrigos com paredes de pedras o que é possível refletir acerca da evolução das habitações nos dias de hoje, a modificação do solo e a climática resultam em uma necessidade de proteção do ser humano perante os perigos de modo externo.

Desse modo, o ser humano começou a desenvolver moradias, ou seja, casas com os materiais disponíveis, tendo por sua vez, técnicas de construção em que certos grupos dominavam como arquitetura e planejamento. O ser humano desenvolveu técnicas e a arte de trabalhar com madeira sendo usada pelos seres humanos primitivos em que combinava a junção de outros elementos como a palha, a pedra, o barro e até mesmo o ferro, etc... (Oliveira; Galhano; Pereira, 1969).

O elemento vegetal sempre esteve em ambulância e foi o principal elemento de construção no processo manual da sociedade primitiva, para sua defesa aquecimento e preparação de seus alimentos. A madeira esteve ao alcance do ser humano desde os tempos remotos, com isso a imaginação e a criatividade deste povo, permitiram tirar proveito desses elementos pra a execução de objetos, produtos e habitações, como Branco (2005) defende.

Nesse sentido, o universo da percepção adentra a simbologia do espaço, pois o que se refere ao habitar tem caráter cultural, onde cada povo se utilizou de sua criatividade para construir sua própria morada, habitar um espaço matem um vínculo com as tradições da sociedade. O Brasil sendo um país multifacetado faz com que as famílias tenham experiências distintas no que se refere a habitar, o que é possível entender que a principal função de uma casa está afetivamente relacionada com abrigo, uma vez que pode ser entendida como revestimento seletivo e corretivo das manifestações climáticas enquanto oferece a possibilidade de proteção, como aponta Lemos (1989).

A palavra casa acarreta a ideia de estruturação meramente física, uma construção material, o que caracteriza a realização da função humana, temos a visão

das paredes, do teto, dos cômodos e a toda sua estrutura está vinculada culturalmente e carregadas de história e ao mesmo tempo possui um fundamento com as impressões e sensações que são decorrentes do envolvimento do indivíduo com o espaço habitado, o que evidencia a natureza do objeto arquitetônico, pois o objeto concreto como estímulo de experiência resulta em um elemento que assume através da percepção do indivíduo, o que ao mesmo tempo possui influência das mais distintas experiências humanas (Lemos, 1989).

O ato de morar, segue a função do uso da casa ou morada que por sua vez, indica uma ação de habitar, pois as construções sociais possuem um grande papel no processo de percepção ambiental. Nesse sentido, Tassara; Rabinoch (2003, p. 340) defendem que “a percepção ambiental é um fenômeno psicossocial” por isso, “não há leitura da objetividade que não seja ou não tenha sido compartilhada; o sujeito sempre interpreta culturalmente”.

No que se refere a casa, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (Bachelard, 1978, p. 200). No entanto, existem três conceitos que são complementares de modo que se referem a necessidade fundamental do indivíduo em que o mesmo possui uma moradia, ou seja, um abrigo para que ele possa realizar um conjunto de atividades, no qual, variam em função que é amplamente cultural e o contexto que diz respeito ao contexto social e ambiental em que se pode ser inserido.

O espaço podendo ser delimitado para abrigo, ele se utiliza de edificações capazes de representar de modo sistemático. Na “habitação popular” as casas destinadas as famílias mais pobres, o abrigo humano tem dimensão reduzida e não permitem a realização satisfatória. Se vivêssemos em uma sociedade centrada na natureza, poderia ser entendido como no âmbito de uma cultura holística e as edificações seriam concebidas de modo que permitisse a plena realização humana de modo que se teria harmonia com seu meio ambiente.

A nossa sociedade está centrada nos condicionamentos financeiros de modo que o mercado e as demandas humanas e ambientais se tornam meros fatores de conveniência. Desse modo, a forma pelo qual a habitação se reduz a uma mera necessidade do mercado, pode-se dizer que sempre está voltada como recursos próprios ou oriundos de financiamento em relação as condições de compra.

A presença de indivíduos que fazem das ruas sua morada vem de um grande problema que procede de um passado histórico, sendo fruto a ausência de políticas como também de uma política que sempre esteve voltada para os interesses

individuais ou de grupos privilegiados que se apropriam desigualmente do espaço urbano. Se para Bachelard (1978) a casa é o nosso canto no mundo, nosso primeiro universo, quando o indivíduo é “atirado no mundo” é colocado a prova seu bem-estar, perante a hostilidade dos outros indivíduos e ao mesmo tempo a hostilidade do universo, pois se a casa carrega o sentido e ao mesmo tempo o conforto das mãos maternas, é esse abrigo que lhe falta.

Assim, trazemos o poema da escritora e poetisa brasileira Conceição Evaristo, pois se enquadra perfeitamente na figura da mãe e da vida íntima vivida na privacidade da morada, que ganha o sentido de concha inicial assim como diz Bachelard (1978) a essência íntima e concreta, o cosmos perante todos os tipos de habitações existentes.

Só de sol a minha casa

A Adélia Prado, com licença, que também sou mineira

*Durante muito tempo,
também tive um sol
a inundar a nossa casa inteira,
tal a pequenez do cômodo.*

*Pelas fendas do machucado zinco,
folhas escaldantes de nosso teto,
invasivos raios confrontavam
pontos de mil quentura.
E jorrantes jatos de fogo
Abrasavam o vazio
de um estorricado chão.*

*Em dias de maior ardência,
minha mãe alquebrava
seu milenar e profundo cansaço
no recorte disforme
de um buraco – janela sem janela –
acontecido no centro de uma frágil parede.
(rota de fuga de uma presa a inventar a extensão de um prado)*

*Eu não sei por que, ela olhava o tempo
e nos chamava para perscrutar
em que lugar morava a esperança.
Olhávamos.
Salvou-nos a obediência.*

Conceição Evaristo

O poema “Só de sol a minha casa”, de Conceição Evaristo, apresenta uma estrutura livre sem rimas, possuindo versos curtos e frases fragmentadas criando um ritmo introspectivo, emotivo e lírico refletindo a contemplação da autora através sua linguagem simples. No entanto, carrega fortes significados a respeito da identidade, memória, raça e gênero, pois o poema destaca a importância da memória e da história afro-brasileira em que a autora recorda momentos de sua infância.

Na primeira estrofe é possível perceber que o primeiro verso indica um período longo em que enfatiza a duração pelo qual passou-se a experiência marcada pelo poema. Gilles Deleuze (2006) argumenta que o tempo não é separado do espaço, uma vez que o tempo é visto como uma força que cria e transforma o espaço, quando o mesmo é visto como um processo em que se encontra em constante transformação.

O sol no verso representa a conexão com a ancestralidade da autora e a vida pelo qual se renova a cada novo dia seguinte e a partir do momento em que ele inunda a casa, é possível utilizar a ideia de Bachelard ao destacar a profundidade. No entanto, não é qualquer profundidade, ela se encontra perante a casa como um símbolo da alma humana em que se pode adentrar seus recantos e seus espaços abertos, em que a casa se encontra aberta tanto no poema quanto para ele. No poema sugere alegria, ambulância e até mesmo a plenitude, também pode representar a iluminação da minoria perante a vivência. Assim como afirma Bachelard (1978), a casa é o espaço que conseqüentemente o passado e o presente se encontram, as lembranças das vivências passadas e o presente como lembrança desses momentos.

A casa como um dos maiores objetos psicológicos do ser humano e ao mesmo tempo possui valor psicológico, pois a casa também é um corpo de imagens como destaca Bachelard (1978, p. 208) em sua obra “A poética do espaço” trata-se de que “além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais.” É essa plenitude destacada no poema pelo adentrar do sol que transforma a casa em um espaço de intimidade e de proteção, a “casa natal”, como também a mesma representa o símbolo marcado pela estabilidade, continuidade e permanência.

A pequenez do cômodo citado no próximo verso, contrasta com a grandiosidade do sol, enquanto a pequenez destaca a simplicidade e até mesmo a humildade da casa onde é possível entender a dinâmica por trás da simbologia da

mesma, ao ser criada socialmente, quando a sua localização, tamanho da residência e condição estruturais, destaca a classe social pelo qual indivíduo pertence. Para Bachelard, a casa é o nosso primeiro universo, até a habitação mais modesta tem o sentido de intimidade do indivíduo com o espaço, a casa tem o valor ligado ao onirismo, o lugar escolhido, por onde “a vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa” assim como afirma (Bachelard, 1978, p. 201).

Sendo, assim, a consciência tem o papel de diferenciar as essências dos outros fenômenos, devido ao seu poder de ser receptora de outros significados; como afirma Husserl (2000), portanto, ao distinguir o sentido ao mesmo tempo que propõe se agregar ensejo em que marcado pelo sol, destaca momentos vividos da infância perante a casa da infância de Bachelard.

Ao analisarmos o espaço que é a casa, nos deparamos com subespaços, que se relacionam entre si e fazem parte da estrutura física da morada. É no quarto, por exemplo, em que sofremos a solidão, a casa que por sua vez, é o espaço que tem a função primordial de ser o "nosso lugar" no mundo, o lugar que nos abriga da chuva e da noite, no qual a topoanálise se interessa com o tamanho do cômodo, sua iluminação, o que representa para o personagem e se a memória estranha em seu sentido abstrato de densidade. O espaço da casa é visto como nosso “canto” no mundo, então quem não tem casa não tem lugar no mundo logo não tem espaço ou tem o espaço muito maior tendo em vista que foi atirado no mundo?

A casa é o espaço que caracteriza a condição do personagem, desde seu psicológico, situação socioeconômica, seus sentimentos vividos e suas ações, tudo isso é estabelecido na interação com o espaço em que está inserido; nos subespaços da casa, nos oferece os cômodos, o quarto designa o cômodo de descanso e por sua vez, estabelece o valor de intimidade.

Na segunda estrofe, temos o primeiro verso que confirma esse fator da casa ser criada socialmente. A imagem do “zinco machucado”, por sua vez, sugere novamente uma casa humilde e desgastada. No verso seguinte, “folhas escaldantes de nosso teto”, o teto é descrito como escaldante, reforçando a ideia de calor intenso, podendo ser entendido como uma casa pequena, no entanto aconchegante.

No terceiro verso, “invasivos raios confrontavam”, aqui os raios do sol invadem o espaço, criando um confronto entre o calor e o ambiente, onde mais uma vez a ideia do calor demasiado se complementa com a ideia dos próximos versos, “invasivos raios confrontavam \ pontos de mil quentura \ E jorrantes jatos de fogo \ Abrasavam o vazio

de um estorricado chão". Aqui, o chão estorricado sugere um ambiente árido que traz a ideia de degradação do chão devido a erosão causada pelos raios solares. Para Bachelard (1978), é através do fogo que marca a casa como refúgio de calor e luz, sendo símbolo de intimidade liga o indivíduo a memória e a infância.

Na terceira, o calor incenso é reforçado pelo primeiro verso "Em dias de maior ardência". No entanto, quando o verso seguinte diz "minha mãe alquebrava seu milenar / e profundo cansaço", a mãe é apresentada como uma figura exausta. A figura materna no poema nos remete ao espaço da cozinha e nos faz refletir acerca dos lares brasileiros, como Mary Del Priore (2009) destaca que o lar é o espaço em que as mulheres exerciam seu poder mas, por outro lado, era o local onde mais se confinava, o papel maternal, de cuidado e dedicação a família era visto como trabalho vinculado ao trabalho doméstico, onde a mulheres eram responsáveis por manter a ordem e a organização do lar, mas eram as que mais sofriam por conta das condições precárias de vida. Como afirma a historiadora, "a relação entre a mulher e o lar era complexa, pois era ao mesmo tempo um espaço de poder e de opressão" (Del Priore, 2009, p. 201).

O Brasil, por sua vez, possui inúmeros lares que são chefiados por mulheres, cujo a exaustão de ter que dar conta do trabalho fora e do trabalho doméstico que corresponde a 22,3 horas semanais, quando se trata de mulheres pretas e pardas, elas dedicam mais tempo aos afazeres doméstico e aos cuidados da família, possui menos taxa no mercado de trabalho em que esse parâmetro se chocam com o controle do espaço podendo refletir relações de poder e desvalorização do trabalho doméstico. Segundo o Censo do IBGE de 2022 cerca de 49,1%, dos lares são chefiados por mulheres o que corresponde a 36 milhões de casas brasileiras.

No quarto e quinto verso da terceira estrofe, o buraco simboliza um espaço de vulnerabilidade que as mulheres passam nos ambientes de trabalho e em casa, enquanto a janela ausente sugere falta de visão e esperança, talvez do que a exaustão se rumine e se torne possível enxergar a fundo uma mudança na perspectiva de mãe e mulher. Pois, no verso seguinte, "rota de fuga de uma presa / a inventar a extensão de um prado", a imagem da presa sugere liberdade.

Na quarta e última estrofe, a autora descreve no primeiro verso sensações como "Eu não sei por que" - "ela olhava o tempo", denotando a incerteza da autora ao vigiar a mãe observar o tempo buscando orientação. Talvez por ser uma criança, ainda não entendera seu gesto, mas o observava com tamanha atenção. O cenário seguinte

do poema "e nos chamava para perscrutar": A mãe convoca os filhos para buscar a esperança marcada pelo verso seguinte "em que lugar morava a esperança":

A esperança é apresentada como um objetivo a ser alcançado. Os dois últimos versos que desfecham o poema e o concluem "Olhávamos"- "Salvou-nos a obediência" A ação de olhar é enfatizada, pois estão os filhos copiando as ações da mãe em que a obediência é apresentada como salvação, a mãe como fonte guiadora e de autoridade sobre os filhos, levam a sua figura cuidadora e de sabedoria.

Pois no papel de mão vai além da mulher que cuida, "A mulher é tecelã da vida, entrelaçando os fios da existência em uma tapeçaria de amor e sabedoria" (Estés 1992, p. 300), está também relacionada, a força que mostra o caminho que devemos seguir e transforma esse gesto em algo simultaneamente sagrado espiritual.

3.1 O CORPO COMO ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA

A casa, considerada um "objeto", é capaz de ser entendida em forma de devaneios. Bachelard junta os entendimentos que a levam para uma análise além das razões que a trazem conforto o que revela uma forma específica de habitar, isto é, podendo ser referida de forma distinta para o fenomenólogo, o psiquiatra e o psicólogo.

No que se refere ao espaço, apresenta a existência de subespaços que determinam a influência do passado sobre o presente metaforicamente, tendo em vista que a sociedade influencia o meio e possui valores culturais e sociais do mesmo, sendo, assim, formado por comunidades. A sociedade existe independente do indivíduo: para Durkheim, é possível entender a sociedade como superior ao indivíduo em que recebe as regras e segue o modo de viver, influenciado pela sociedade uma vez que faz parte desse meio.

O subespaço do sótão há pouco mencionado representa o futuro, o cômodo mais alto da casa, com a melhor vista, de difícil acesso, marca a ascensão e o futuro que a sociedade tenta alcançar. É nesse espaço que é colocado um telescópio para observar a lua e os astros, é nesse conto que o futuro observa o presente repetir o passado trancafiado no porão da sociedade.

Ao olharmos dentro da casa, notamos seus cômodos (subespaços) uns denotando mais relevantes que outros, todavia em conjunto influenciam a história da sociedade e, denotamos também o indivíduo presente no espaço da casa, no qual

busca se inserir e outros são marginalizados devido a sua condição que o separa, sendo assim obrigados a ocupar a margem e não o lugar no centro da sociedade; um indivíduo que é marginalizado é visto como delinquente, fora da lei, todavia as políticas públicas falham com esses indivíduos, em que vivem fora de um determinado grupo, por não possuir os padrões impostos pelos mesmos, são excluídos, estigmatizados.

Os indivíduos em situação de rua são exemplos de pessoas marginalizadas pela sociedade, no qual morar na rua é o traço de sua condição. O espaço que lhe falta (casa) o leva a situações de perigo e violência, uma vez que foram “atirados” no mundo, tendo que se submeter a se tornar pedintes para garantir sua refeição do dia. Entretanto, todo esse mundo no qual o sujeito foi “atirado” se torna seu espaço total, mesmo que sua situação social-econômica determine seu canto no mundo; na verdade, seu canto está relacionado à sua própria existência, o corpo por sua vez, é o espaço que o indivíduo ocupa, é o corpo como sua primeira morada que sente e guarda a consciência de quem o sujeito é, o corpo sim é o primeiro universo como sugere Merleau-Ponty (1999): é a partir dele que é possível perceber outros espaços e a paisagem a partir do conjunto de sentidos.

O corpo é espacial em uma sociedade que atua sobre os corpos, atacando-os, reprimindo-os, vigiando-os, no âmbito da Geografia humanista “consideram-se os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência” (Corrêa, 2003, p. 30). Desse modo, o corpo é pura substância pensante, a carne, por sua vez, é a imanência da sensibilidade do corpo, o concreto geral por onde ligam ao mundo de modo que recebem as ações fenomenológicas em que se estende entre ramificações entre o mundo e o corpo.

Para Merleau-Ponty (1999), o mundo é interpretado como um espaço total, onde é possível entender que onde a consciência é o mundo e a carne completa o preenchimento; ao trazer uma ordem ao âmbito de percepção o corpo e o espaço se implicam, ou seja, para o sujeito não haverá espaço, se o mesmo não fosse um corpo no mundo.

O espaço, por sua vez, é uma substância extensa que ganha contraste com os parâmetros da existência, em que o corpo se mostra existencial de um indivíduo e faz de sua existência um campo espacial de força, de modo a se colocar como um ser pensante e de experiência. Tem-se, assim, as ideias de Merleau-Ponty, em que o indivíduo caminha por meio da sensibilidade, percepção e existência.

O corpo é o espaço de existência e está situado no espaço: o ser humano, antes de pertencer ao espaço social, habita, primeiramente, o espaço do corpo da mãe, e o espaço seguinte a nossa primeira casa, cujo as experiências da maternidade podem ser consideradas como a primeira morada, o primeiro espaço de existência. “antes de produzir efeitos na esfera material (ferramentas e objetos), antes de produzir-se por alimentar-se daquela esfera material e antes de se reproduzir, gerando outros organismos, cada corpo vivo é espaço...” (Lefebvre, 1991 [1974], p. 170).

As experiências proporcionadas pelo corpo vão do pertencimento até as percepções do espaço e as relações com os outros indivíduos. O corpo palpável vem antes do sensorial, de modo que denota as características físicas do indivíduo, que demarca a nossa origem e herança ancestral. O corpo por si só, além de denotar existência, expressa a força de trabalho, as marcas sociais em que o corpo é construído pela sociedade e é no jogo social que serão definidos as diferenças e hierarquias em relação aos modelos de corpos e a ideia do corpo ideal e da construção do gênero a partir do que é definido o papel do homem e da mulher, a partir das necessidades sociais e políticas. Com isso os corpos terão que assumir a performatividade no qual se refere ao rotulo da identidade em que o sujeito pertence. Segundo Judith Butler:

Se o gênero é a construção social do sexo e se não há o acesso a esse "sexo" exceto por meio de sua construção, então parece que além de o sexo ser absorvido pelo gênero, o "sexo" se torna algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalada em um local pré-linguístico para onde não existe acesso direto (BUTLER, 2019, p.26).

O sentido se refere de modo que se coloca sensível e se liga ao corpo como tal e como o espaço, em que o sentido é válido quando o corpo percebe os ruídos, os aromas, as texturas e os sabores pois são qualidades e damos significados aos objetos do mesmo modo que se percebe a interação de um indivíduo com outro. Todavia, o questionamento entre a relação do corpo com o espaço não é de hoje e surge do final do século XX e início do próximo (Callard, 1998). Contudo, na construção dos papéis de gênero (homem e mulher), o corpo se coloca de modo que argumenta sobre os avanços e as lutas sociais.

As lutas feministas em torno do direito ao corpo-espaço discutem sobre aborto, sexualidade, medo da violência e gravidez, recaindo nos corpos femininos. São nas narrativas femininas em que o corpo ganha o significado de espaço íntimo, podendo

ser respaldada na ciência geográfica, sendo uma relevante abordagem que é possível destacar as relações de poder ligados ao corpo. É algo que é destacado na cultura dominante e rotula os corpos não apenas das mulheres, mas dos negros/as, homossexuais, pessoas com deficiência, obesos/as e idosos/as, sendo definidos por seus corpos e sendo levados a ideia de repugnantes e sujos. Todavia, interagimos com esse corpo que é tocado e nos revela um espaço, o corpo adquire consciência do mesmo mediante a tal percepção do corpo, segundo Butler, o maior fator que resulta na exclusão dos corpos, corresponde ao padrão de identidade heterossexual, pois quaisquer corpos que fogem desse padrão vão de encontro a marginalização e exclusão, porque são tudo aquilo que a sociedade quer longe.

É relevante a abordagem a respeito da espacialidade do corpo, "a espacialidade do corpo é desdobrada de seu ser de corpo, a maneira pela qual ele se realiza como corpo" (Merleau-Ponty, 1999, p. 206). A sociedade delimita o espaço de certos grupos o que voltamos para a poética do espaço a fim de buscarmos a referência de armário e da cozinha que não foi abordada anteriormente, também nos lembra historicamente nos fundos da casa uma senzala.

O corpo traz como suporte sua construção de identidade e a vivência produzindo no corpo estruturas no âmbito social, em suas relações etc, assim o corpo é local de experiência, contudo também é local aplicado de modo que forma a dominação e o que é privilegiado exerce sobre os demais a violência simbólica através do ambiente que ocupa; ao construir o corpo como espaço geográfico é importante destacar os corpos marcados que não gozam dos privilégios do homem branco e hétero, do mesmo modo que cabe a reflexão dos espaços que esses corpos ocupam.

A tríade desses espaços cuja parcela da sociedade brasileira coloca essas pessoas podem ser assim caracterizados: para os corpos femininos, o espaço delimitado é a cozinha, em que a metáfora destaca a submissão, para os corpos homossexuais, o armário, onde determina um conforto hipócrita em guardar para si a sexualidade; e, por último, para os corpos negros, a senzala, o que delimita o racismo de uma sociedade cujo o passado fez desse povo cativo. O que Foucault (1976) vai chamar de Biopoder, o que nada mais é do que é uma forma de governar o a vida do indivíduo, a ideia se trata de dois eixos a *disciplina*, quando parte do governo dos corpos dos sujeitos e a *biopolítica*, que é o governo da população propriamente dita.

O corpo é moldado para que, a partir dele, haja a construção do corpo social, no qual sofre controle tanto de agentes internos como de externos, pelo sujeito que

internaliza as regras e pelas outras pessoas que dita as regras, de modo que produzem e reproduzem em si mesmo e em outros indivíduos. O corpo estabelece a ideia de fronteira e define quem somos, ou seja, que fundamenta a identidade do sujeito e a cultura por sua vez é o agente fundamentador da identidade e as diferenças são fatores determinantes e dependentes para compor a identidade do sujeito.

Em uma discussão a respeito do corpo, é importante destacar que o corpo feminino foi o mais controlado e subjugado da história desde a infância e aumentando na vida adulta, entre a ideia do corpo e o papel do gênero na sociedade, o corpo feminino designado a maternidade e a vida doméstica.

Ao olharmos para a casa como um espaço, atribuindo uma representatividade maior como sentido de "sociedade", em que sua construção é baseada inteiramente em relações sociais e ações entre indivíduos e comportamentos diante dessa espacialidade na qual reflete suas práticas históricas, é importante destacar três subespaços que existem a partir da casa, mas não qualquer casa, em contrapartida, as características dos indivíduos que ocuparam esses espaços: aqui, vamos remontar a ideia da casa grande e concentrar três subespaços a partir dela, que são a cozinha, a senzala e o armário. Por sua vez, partiremos para a cozinha como um subespaço destinado às mulheres, colocado em destaque pela vida doméstica.

O papel da mulher no período colonial está relacionado ao campo da organização familiar, moldando-se às condições de esposa e mãe. A Igreja, por sua vez, construiu um conjunto de ideias que se fez presente desde a construção da família pelo matrimônio, até nos ritos fúnebres, tendo um papel de vigilância e de doutrinação das pessoas a seguir costumes e ouvir sermões impostos pela mesma (Del Priore, 2009).

Tal instituição foi o fator determinante para definir o papel do homem e da mulher na sociedade, no qual a mulher foi colocada no papel de agente passivo e obediente, além da submissão imposta, desse modo o homem é colocado como o chefe da família e dominante. Mary Del Priore (2009) destaca, em sua obra "Ao sul do corpo", que a mulher é condenada a ser escrava doméstica e sua função justifica-se apenas em cuidar da casa, servir o marido sexualmente e lhe dar filhos.

A cozinha, por sua vez, é um fator relevante que estabelece uma identidade: é através de como se extrai e prepara os alimentos que é possível construir a cultura, colocando-se a cozinha como uma linguagem, mas a partir de tal linguagem é possível falar sobre nosso lugar no mundo? Sabendo que como indivíduos necessitamos de alimento para sobreviver, de modo que o que comemos implica socialmente e

culturalmente a forma como vivemos no mundo. O consumo de tais alimentos podem definir o estado social de um indivíduo, como cultural, que denota sua ligação com a fé. Para Lévi-Strauss, a comida porta por si só significados e simbolismo atuando como algo bastante significante.

A reflexão a respeito do que é ser mulher, ao longo da história, até os dias atuais, também nos remete às lutas, conquistas e seu lugar no mundo, que vai além da forma como o sujeito se vê e se relaciona com o espaço, aqui o espaço sendo ela mesma. O lugar no mundo fala mais sobre pertencimento, se refere à familiaridade e ao sentimento de afeto pelo lugar ainda que a mídia a faça odiar seus corpos. Desse modo, não se pode definir o espaço da cozinha como um lugar exclusivamente feminino, a mulher ganhou seu espaço ainda que a luta continue, seu espaço no mercado de trabalho está cada vez mais evidente. Conceição, em seu poema, fala da mulher sagrada, sem deixar de falar da opressão sofrida.

O poema "Eu-mulher", de Conceição Evaristo, ilustra bem a vivência das mulheres, pois entrelaça aos aspectos da história da mulher, nos lembra suas origens sagradas até o patriarcado. O que também nos remete as representações da mulher amefricana de Lélia Gonzalez (1983), feminista negra brasileira, em que foi pioneira nas críticas ao feminismo hegemônico e trouxe reflexões em diferentes perspectivas acerca da trajetória das mulheres e a resistência ao patriarcado, inaugurando o pensamento da descolonização. O título denota seu lugar de fala e sua pretensão em falar a respeito dos dilemas femininos e do feminismo.

Eu-mulher

*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo*

*Antes – agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher
 abrigo da semente
 moto-contínuo
 do mundo.*

Na primeira estrofe do poema, a escritora nos faz lembrar da sacralidade da mulher como geradora da vida, aquela que nutre. O leite materno e a menstruação são elementos sagrados que são associados a fertilidade e nos remete a ideia de que o poder da criação, de gerar vidas pertence a mulher, o que faz ser comparada com a Deusa-mãe nos primórdios da humanidade tendo um papel relevante como conhecedora dos mistérios da vida e da morte, o que fez ser queimada como bruxa na idade média. É possível entender que essa sacralidade se perdeu, a partir do momento que o culto da Deusa foi deixado de lado e centralizado apenas no culto do “Deus criador”.

A menstruação passou a ser vista como algo sujo e pecaminoso. Por exemplo, para santa Hildegarda, a menstruação era um castigo por conta do pecado original (Del Priore, 1952). Por outro lado, se tinha o estigma do olhar masculino perante o interesse científico olhando de forma errônea para o corpo feminino, quando sugeria o método arcaico da sangria para controle de enfermidades que atingiam as mulheres.

O tempo do sangue menstrual era um tempo perigoso, pois sugeria uma morte simbólica no qual a mulher afastava-se de tudo que era produzido, pois corria o risco de contaminar devido às suas supostas propriedades venenosas e malfeitoras, podendo estragar o leite, o vinho, até a colheita. O pouco conhecimento sobre o corpo feminino fazia com que fosse visto por duas óticas, de forma ameaçadora e vulnerável perante os elementos do universo vindo do âmbito exterior.

O misticismo que rodeava o sangue menstrual fazia com que se acreditasse que o sangue, quando seco, era recomendado para os males de epilepsia. Mas, se misturado com manteiga de vaca, era possível abrandar as dores causadas pela gota. (Del Priore, 1952).

Os rios vermelhos trazem o sentido de ligação com o próprio corpo se sintonizando com sagrado, a fertilidade, com os saberes femininos e a comunhão entre a força interior da mulher, o inconsciente, a natureza e os ministérios tanto da vida quanto da morte. De acordo com Koss (2004, p. 8-9), mediante “a menstruação,

a mulher se conectam diretamente com o poder da vida, esse poder que é partilhado e mutante, que é temporário e cíclico. Que não teme a morte, porque sempre renova a vida”. A menstruação sempre foi um elemento importante na época em que se cultuava a Deusa-mãe, eram nas comunidades matrifocais que o rio tinha essa representatividade.

A despeito dessa sacralidade foi silenciada com a cultura vinda do patriarcado de tal modo que a mulher passou a ser demonizada, no verso do poema “meia palavra mordida me foge a boca” destaca bem esse silenciamento, o que foge a boca é a voz, é o que o indivíduo é, sua história, suas dores, uma vez calado é como se deixasse de existir. Sabemos que esta é uma realidade pois nos é familiar ainda em pleno século XXI, o que nos faz perceber que o feminismo atravessou muitas portas, no entanto, ainda tem muito a caminhar no mundo e no Brasil, é importante que nós, educadores e educadoras possamos desempenhar o papel nesse sentido para que os jovens tomem consciência. Percebemos que, na última década, houve uma grande diferença no comportamento das mulheres, nas lutas pelos direitos e oportunidades como nas lutas contra a opressão.

O retorno às crenças no sagrado feminino e nas filosofias que permeiam ao redor da figura da Deusa-mãe nos faz acreditar na reconquista da liberdade da mulher e no reconhecimento de suas potencialidades. Pois o eu lírico no poema se expressa “Em vagos desejos insinuam esperança”. Esse verso retoma a ideia principal do poema, em que reforçada pelo eu poético destaca o poder sagrado da mulher, no qual amplifica os sentidos em que foram citados na menstruação: o que não passava de uma mancha de sangue que enfeita entre as pernas, agora, assume a forma de rios vermelhos, através dos quais a vida é inaugurada e nutrida.

Além disso, o verso “Meia palavra mordida” também traz o sentido de ser capaz de mesmo que esteja em baixa voz, ainda sim é possível que haja uma forte representatividade e força, a ponto de violentar “os tímpanos do mundo”. Ademais, o sentido de mundo aqui nos remete a força dada pela união das mulheres deixando de ser uma vivência pessoal, para que a partir da voz de uma todas as outras também sejam ouvidas.

Quando o eu poético diz “Antevejo. Antecipo. Antes-vivo”, destaca a importância do resgate nas crenças da mulher sagrada, a espiritualidade feminina precisa da representatividade, o que antes via, agora antecipa e está pronta para viver, o que marca pelo verso “Antes – agora – o que há de vir”. Pois o que antes havia sido

forte na espiritualidade e no estilo de vida, o verso destaca o resta no agora, no tempo presente e além disso se denota uma visão esperançosa de que o que há de vir, seja uma sociedade que trabalha a equidade de direitos e deveres.

O eu lírico termina o poema “Eu fêmea - matriz. Eu força- motriz. Eu- mulher abrigo da semente moto-contínuo do mundo”. Na qual, denota atributos implantados no eu, a primeira frase resgata o sagrado feminino, a representação da Deusa pelos povos do período paleolítico ao cultuar a figura de Vênus, com o corpo volumoso que simbolizava a fertilidade e era um símbolo de beleza.

Além de representar o poder gerador, (fêmea matriz) a mãe que gera, que tem o útero, (força motriz) porque simboliza a força que está em movimento “moto-contínuo” o que também representa a Deusa Gaia quando se fala em semente e no mundo, o que no útero da Deusa que se renova a vida, quando a mulher além de geradora possuía o poder que era necessário em seu governo para as comunidades matrifocais, o que passa a ser resistência no patriarcado, o que torna um resgate a valorização do feminino, do culto a Deusa, como também em seu poder criador que está sempre em movimento.

3.2 O QUARTO DO DESPEJO E A POÉTICA DO ESPAÇO

CLARICE NO QUARTO DE DESPEJO

*No meio do dia
Clarice entreabre o quarto de despejo
pela fresta percebe uma mulher.
Onde estivestes de noite, Carolina?
Macabeando minhas agonias, Clarice.
Um amargor pra além da fome e do frio,
da bica e da boca em sua secura.
De mim, escrevo não só a penúria do pão,
cravo no lixo da vida, o desespero,
uma gastura de não caber no peito,
e nem no papel.
Mas ninguém me lê, Clarice,
para além do resto.
Ninguém decifra em mim
a única escassez da qual não padeço,
— a solidão.*

*E ajustando seu par de luvas claríssimas
Clarice futuca um imaginário lixo
— e pensa para Carolina:
“a casa poderia ser ao menos de alvenaria”.*

*E anseia ser Bitita inventando um diário.
Páginas de jejum e de saciedade sobejam.
A fome nem em pedaços
alimenta a escrita clariceana.*

*Clarice no quarto de despejo
lê a outra, lê Carolina,
a que na cópia das palavras,
faz de si a própria inventiva.
Clarice lê:
“despejo e desejos”.*

O quarto por assim dizer, é o cômodo da casa que mais representa a intimidade e privacidade, por destacar os pensamentos e os sonhos de seu ocupante, o tamanho, a decoração, a forma pelo qual esse cômodo é organizado, pode denotar o lado mais emocional e sensível do indivíduo e ainda sim seu conforto. É no quarto que se encara o verdadeiro eu, as frustrações e a solidão que não é demonstrada na sala de estar. “A seus abrigos de solidão se associam o quarto e a sala em que reinaram os seres dominantes” (Bachelard, 1978, p. 206).

É no quarto é a solidão se manifesta, onde os sentimentos podem ser manifestados livremente. Desse modo, é possível destacar um outro tipo de quarto, cujo a solidão é bem mais presente que contrasta ao abandono é o quarto do despeço, onde simboliza a marginalização, a miséria onde são despejados todas coisas que não tem mais uso.

O poema “Clarice no quarto do despejo” composto por estrofes livres, com uma linguagem rica em metáforas, alegorias e imagens fortes. A estrutura fragmentada reflete a fragmentação e o diálogo imaginário de duas personagens, a autora traz Clarice Lispector para a cena em que a mesma lê a obra de Carolina Maria de Jesus “o quarto do despejo”. Quando se abre este quarto é possível entender que Clarisse fazia uma espécie de leitura suspensa assim como Bachelard defende, é por meio desse tipo de leitura que o leitor invade a noção de onirismo e intimidade do que se está lendo.

“É no momento em que os olhos do leitor deixam o livro que a evocação do meu quarto pode transformar-se num limite de onirismo para outrem” (Bachelard, 1978, p. 206). Assim o autor entreabre os portões do devaneio e os valores de intimidade são absorvidos e com isso o leitor adentra a sua memória para buscar ideias que assemelham a tais eventos, o poema consegue fazer essa ideia transitar,

pois o leitor consegue perceber uma personagem que conta enquanto a outra escuta seu sofrimento, a fome e o frio sofridos por Carolina.

*Macabeando minhas agonias, Clarice.
Um amargor pra além da fome e do frio,
da bica e da boca em sua secura.*

A autora traz a referência de uma personagem chamada Macabéa, da obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector, fazendo refletir sobre a situação das duas personagens no poema, Carolina ao comparar-se com Macabéa destacando suas agonias e sua fome, por um lado temos a vida real e por outro temos a ficção em que as duas vidas se chocam no poema.

Macabéa na obra retrata a figura complexa e multifacetada, que representa a condição humana em sua forma mais vulnerável e marginalizada, situação de extrema pobreza faz com que constantemente seja explorada por aqueles ao seu redor, sua dificuldade econômica se assemelha a vida real de Carolina Maria de Jesus e faz de ambas o exemplo de mulheres marginalizadas na sociedade e do descarte social, fazendo do quarto do despeço uma metáfora perante a sociedade excludente.

*De mim, escrevo não só a penúria do pão,
cravo no lixo da vida, o desespero,
uma gastura de não caber no peito,
e nem no papel.*

A frase inicial enfatiza uma declaração da expressão pessoal e íntima da escrita que se choca com a metáfora da penúria, destacando a necessidade básica de alimento, encontrando no “lixo da vida” uma expressão de abandono de descarte social vivido pelos grupos mais pobres, sendo uma crítica a desumanização causada pela pobreza, a gastura representa a perda da esperança em que encontra na escrita uma forma de conforto por um tempo, mas passa a não bastar mais somente a escrita, quando os versos seguintes mostram que ninguém lê ou enxerga esse sofrimento.

O quarto se transforma em um eco de dor. A escrita também fala de voz, de não ser ouvida. ‘As vozes, a voz do passado ressoam de forma diferente num cômodo grande e num pequeno quarto’ (Bachelard, 1978, p. 236). Quando a única coisa que a autora tem é a companhia da escrita e é justamente por causa dela que a mesma não se sente sozinha, esse fato fecha o último verso.

*Mas ninguém me lê, Clarice,
para além do resto.
Ninguém decifra em mim
a única escassez da qual não padeço,
— a solidão.*

Na terceira estrofe nos deparamos com uma cena da Clarice ajustando suas luvas brancas que traz o significado de que não passou por tal necessidade como a Carolina, a brancura traz a pureza e a ideia de quase ter passado por tais dificuldades, ao fuçar o lixo no poema, destaca o imaginário pelo qual Clarice representa, a fim de entender a condição humana de Carolina e ao pensamento de que poderia ser uma casa de alvenaria, na verdade destaca outra obra de Carolina Maria de Jesus, em que marca um período de sua vida ao finalmente ter saído da favela.

*E ajustando seu par de luvas claríssimas
Clarice futuca um imaginário lixo
— e pensa para Carolina:
“a casa poderia ser ao menos de alvenaria”.*

Nos próximos versos da mesma estrofe outra obra de Carolina é destacada, dessa vez “o diário de Bitita, em que é a obra que antecede o quarto do despejo e retrata seus desafios e dificuldades enfrentados ao longo de sua infância e início de sua vida adulta. O diário no poema representa sua expressão, sua voz perante o mundo, as páginas em jejum destacam a fome, por outro lado a sociedade se mostra saciada indicando no sobejo mais comida do que o necessário. Os dois últimos versos salientam a escrita de Clarice que não tem motivação semelhante à de Carolina. No entanto, a fuga das duas se igualam a partir do momento que se utilizam da escrita para fugir da realidade.

*E anseia ser Bitita inventando um diário.
Páginas de jejum e de saciedade sobejam.
A fome nem em pedaços
alimenta a escrita clariceana.*

O quarto para Bachelard pode se transformar em um limite do onirismo, quando a filosofia da literatura e a poesia escreve um quarto e lê um quarto com análise de intimidade, destacando o quarto como uma concha secreta e isso leva o indivíduo ao isolamento, como acontece no quarto do despejo, o isolamento social, quando a casa metaforicamente representa a sociedade e a mesma possui o quarto pequeno, “da

empregada” ou da “bagunça” para classificar os indivíduos que não possui condições de transitar pela sala de estar. Quando o pema diz que Clarice está no quarto do despelo e lê, destaca que ela está se conectando com os eventos da leitura, Carolina é a outra que Clarice lê e se depara com suas fragilidades.

A cópia das palavras sugere uma relação mais íntima com a linguagem e a escrita e ao “fazer de si a própria inventiva” certamente indica que Carolina criou sua própria identidade através da escrita. O “despejo e desejos” que Clarice lê vão de contraste entre a realidade cruel e biográfica de Carolina e os desejos que somente a escrita teve possibilidade de realizar.

*Clarice no quarto de despejo
lê a outra, lê Carolina,
a que na cópia das palavras,
faz de si a própria inventiva.
Clarice lê:
“despejo e desejos.”*

3.2.1 O PORÃO, INCONSCIENTE ONDE ESTÃO OS MEDOS

Um outro subespaço conectado à morada que merece atenção é o porão: se a casa para Bachelard pode ser representada pela consciência onde abriga o devaneio, o porão simboliza o inconsciente que está impregnado pelos medos. E se a casa fosse a sociedade que permanece cheia de falhas estruturais, nos leva a crer que foram enraizadas através do passado uma vez que aqui ele é representado pelo porão.

No que lhe concerne o porão, “há escuridão dia e noite. Mesmo com uma vela na mão, o homem vê as sombras dançarem nas muralhas negras do porão”, como destaca Bachelard (1958, p. 209). Nesse sentido, a escuridão presente no cômodo do porão nos remete ao esquecimento ou a tentativa de anular e deslegitimar um passado no qual foi de violência em que os/as negros/as protagonizavam uma vida de cativo e servidão, um passado que a sociedade tenta esconder nas profundezas frias do porão.

O sentido de as sombras dançarem muito tem a ver com a resistência, apesar da vivência de sofrimento. Aqui, está presente a fenomenologia da memória, através da lembrança, a “vela na mão” para resgatar a memória a marca ativa da temporalidade da realidade vivida e com isso traz a verdade a partir um valor, com isso a memória do passado torna uma condição do indivíduo.

Nascida em Belo Horizonte em 29 de novembro de 1946, Maria Conceição Evaristo de Brito, mulher negra, viveu seus primeiros dias de vida, com seus irmãos, na favela do Pindura Saia, na zona sul, onde só conseguiu concluir o ensino básico aos 25 anos, em que tinha que conciliar os estudos com os trabalhos de doméstica. Completou os seus estudos ao se mudar para o Rio de Janeiro onde tornou-se professora, fixando-se como docente universitária. Com o feminismo negro brasileiro, ampliou seus horizontes acadêmicos, tornou-se Doutora em Literatura, iniciou sua produção no âmbito da literatura feminista com o grupo Quilombhoje na década de 1980. Teve a participação em antologias e revistas literárias, onde possui produções em prosa e também em poesia, entre eles “Poemas da recordação e outros movimentos”, no qual foi publicado em 2008, onde está o poema "vozes-mulheres".

O próprio título sugere um sentido de vozes que não foram ouvidas, os poemas que compõem a obra são recordações da vida da autora. Fazendo parte de uma geração que é determinada por estigmas advindos desde o tempo de sujeição escrava até o racismo na contemporaneidade, a sua escrita é chamada por ela mesma de “escrevivência”: isso significa que é uma escrita que retrata a sua vivência, não apenas sua própria experiência de vida, mas se mostra “porta-voz” de seu povo.

O poema, por sua vez, ilustra muito bem sua finalidade, dando vozes às mulheres que foram silenciadas pela dominação patriarcal, refletindo todas as vozes femininas que reverberam para serem percebidas e ouvidas, a doravante da particularidade íntima do eu poético, no qual deixa bastante visível o pronome possessivo “minha”. Traz anáforas, que são repetições que se intensificam e trazem um significado conforme a gradação das vozes que vão passando pelas gerações.

Vozes-Mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

A primeira estrofe da quintilha recua, por sua vez, a memória até a terceira geração: “a voz de minha avó”, a qual ecoou desde criança uma vida cheia de lamentos, uma infância perdida, pronunciada nos "porões do navio”. Aqui é referido ao porão de carga, mas há o mesmo sentido dos porões de uma casa: Bachelard vai citar os porões criminais, no qual deixa na memória marcas indeléveis, que não

gostamos de declarar, que nos leva para um medo natural, tendo em vista os dramas pessoais do indivíduo.

A bisavó nos vem na mente a imagem de velha, porém, o poema traz a antítese da infância, uma criança que não teve o direito de ser criança, que cresceu com a nódoa de uma vida escrava, no qual o verso remete-nos os/as africanos/as que foram trazidos/as para o Brasil nos navios negreiros, como mercadorias para a servidão de seus senhores e senhoras brancos/as.

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

A segunda estrofe possui apenas três versos, o que nos sugere que a história da avó é uma continuação quase sem diferença, estritamente igual à da bisavó; com isso, o eu lírico faz um paralelo “a voz de minha avó”, fruto de um útero cativo, traz o eco da subserviência junto de uma vida em que não há diferença de que sua mãe viveu (bisavó), obedecendo aos “brancos-donos de tudo”. O branco, como um adjetivo, ganha um sentido de superioridade, o que ecoará num racismo difícil de ser desenraizado da sociedade brasileira: de tal modo como a sua bisavó, sua avó também traz a cicatriz da submissão e do cativo.

*A voz de minha mãe
ecoou baixo revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

A terceira estrofe é composta por sete versos, no qual ecoa, dessa vez, a voz de revolta de sua mãe, que mesmo tendo que se submeter aos seus senhores no “fundo das cozinhas alheias/debaixo das trouxas/roupagens sujas dos brancos”, a mãe no que lhe diz respeito, não se deixa ficar ali naquele lugar, acaba por enfrentar “o caminho empoeirado/rumo à favela”. Ainda não sendo uma existência confortável, cujo o espaço era designado a marginalização, deixa a casa de seus patrões para habitar um meio coletivamente marginalizado que é a favela, no qual historicamente essa povoação foi o refúgio de negros cuja condição demarca a pobreza

*A minha voz ainda
 ecoa versos perplexos
 com rimas de sangue
 e
 fome.*

Na quarta estrofe, o eu lírico segue o eco de seus antepassados, dessa vez perplexo nos versos, no qual a metalinguagem coloca as vozes em escrita, de forma que os gritos que foram ecoados ao longo da história, aqui reverberados pelos afrodescendentes, de hoje para o futuro que permanece na poesia, que é mais um testemunho de vivência.

As rimas são sangue e fome, o que frisa que o verso caracteriza o estado de pobreza/de necessidade, cuja a condição que se estende pelas vozes que a antecedem sua existência, sua mãe, sua avó e sua bisavó. No entanto, essa fome ao comparar a quinta estrofe traz um significado de fome de esperança, quando o sangue no verso destaca a sua linhagem e também as lutas de seus antepassados, a fome é de que a próxima geração se alimente de liberdade.

*A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.*

A quinta estrofe, no que diz “A voz de minha filha”, repete nas primeiras linhas das últimas estrofes: a filha é a última apresentada ao longo das linhas de gerações apresentadas nos versos anteriores, agora não ecoa mais as vozes, pelo contrário “recolhe todas as nossas vozes” toma para si todo o peso que herdou da estigmatização.

Situando-se no tempo-espço da contemporaneidade, a filha assume todo o papel que lhe cabe de incorporar as vozes das mulheres negras, caladas e que tiveram suas vozes silenciadas; desse modo a filha não resgata apenas a voz, mas seu ato se torna uma luta por si só, uma ação que vai contra o racismo pelo qual vivencia os/as afrodescendentes, a luta verbal que foram necessárias para que fosse ouvida de forma contundente.

A voz de minha filha

*recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.*

A última estrofe do poema é profetizada com a frase “na voz de minha filha/se fará ouvir a ressonância/o eco da vida-liberdade”, tão desejado no ontem por mulheres que antecedem sua linhagem e no hoje, todavia é no agora que o precede materializando: as “vozes-mulheres” no qual ao alcançam na ponta na geração da filha, que recolhe em si as vozes das ancestrais do passado para assim possa lembrar delas vozes que vieram antes; a luta que fora marcada com sangue, é agora sarada com representatividade, com obstinação e grande esperança.

Nesse poema, Conceição Evaristo visibiliza a existência de “ecos” que permeiam uma sociedade escravocrata, no qual ainda reverberam nos dias atuais, aqui a personagem reconhece seus ancestrais e conhece a herança que determina sua identidade, a liberdade que chegou. No entanto, o racismo ainda é um eco forte na sociedade.

O espaço abordado no poema deve ser levado em consideração a história que o permeia, ao "conjugado o espaço vivido no presente não pode ser interpretado, como uma proposta de análise espacial sem profundidade histórica" (Serpa, 2019, p. 84). Portanto, o tempo como sucessão é abstrato, mas o tempo que cabe a simultaneidade é o tempo concreto e a materialidade do espaço, cuja dominação se traduz como os cálculos otimizados, regula os processos hegemônicos de sua produção espacial na contemporaneidade.

A Geografia dos espaços vividos, proposta por Serpa, é capaz de fazer o resgate da fenomenologia, o presente e o passado, como instrumento que permeia um só tempo de retrospectiva e também é coexistente entre o presente e um possível futuro. Pois, para que o presente mude, é importante entendermos o passado, todas as lutas que foram marcadas com suor e sangue, são importantes descer até a escuridão do porão e iluminá-lo, pois as feridas do passado ainda continuam purgando na sociedade.

A poesia de Conceição Evaristo deve ser apreciada segundo uma identidade tripla como mulher, proveniente de uma família pobre e negra e a autora resgata essa aliança que traz a necessidade da memória e da identidade. A construção de uma

identidade feminina afro-brasileira é uma questão a ser destacada e merece uma atenção relevante, pois a expressão “mulher negra” cujo o adjetivo de “negro” contém um significado mesmo que implícito de desvalor, sujeira e etc. No que se refere à representação da mulher negra na literatura, ancoradas nas imagens do passado escravo, a literatura de Conceição é uma arma de resistência no berço da criatividade e da memória, em que sua luta contra o preconceito, a injustiça social, a opressão, em sua perspectiva feminina mostra sua resistência:

As escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição que a sociedade brasileira teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

O mundo contemporâneo é marcado pela história uma vez que é possível ser concebido como uma partícula ainda existente de um passado. No entanto, marca uma ruptura entre os dois tempos, o presente e o passado e deve ser levado em consideração a memória coletiva, mítica, tendo sua característica no passado fundador e está concentrado no momento presente, isto porque possuíam as sociedades arcaicas.

A história por sua vez, tal como se concebe perante a contemporaneidade parte do que seria o resultado de uma relativização e o nosso relacionamento com o passado. Segundo Nora, à medida que em que a história se predomina, aumenta-se a necessidade de recuperarmos a memória através ressurgência do neo-mítico para a supostamente nossas origens:

A passagem da memória à história exigiu de cada grupo a obrigação de redefinir sua identidade através da revitalização de sua própria história. O dever de lembrar faz de todos um historiador. O imperativo da história ultrapassou, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Os antigos marginalizados pela história tradicional não são os únicos atormentados pela necessidade de recuperar o passado que ficou soterrado. Seguindo o exemplo das etnias e minorias sociais, cada grupo estabelecido (...) sente a necessidade de sair à procura de sua própria formação, de reencontrar suas origens (Nora, 1984, p. XXIX).

Os lugares da memória têm, por sua vez, a necessidade de estancar a ação provocada pelo tempo de modo que possa bloquear a extração do passado pelo esquecimento; portanto, a participação de uma aura simbólica parte de uma relação entre a comunidade e os lugares da memória de modo ritualístico afim de caracterizar

a transformação entre os significados dos lugares de memória e suas ramificações voltadas a transformação aparente de seu tempo. Essas questões são colocadas no poema e a poeta adentra a uma viagem de regresso feroz ao passado, mas não qualquer passado, um passado latente, dolorido, que sobrevive nas camadas mais densas da memória e o eu poético que assume descendência do povo africano escravizado.

3.2.2 A GAVETA, OS COFRES E OS ARMÁRIOS, UMA REFLEXÃO

Ao nos depararmos com os objetos que são: *gavetas, os cofres, fechaduras e armários* remetem a imagens, espaços e devaneios da intimidade do indivíduo, remete a esconderijos onde os moradores da casa depositam, dissimulam ou encerram seus segredos. Sem esses objetos, a vida não teria modelo de intimidade – são objetos-sujeitos – “O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta” (Bachelard, 1978, p. 248). Desse modo, ao nos debruçarmos no que esses objetos significam para um indivíduo, buscamos uma certa significância ao compararmos com a vida de alguém que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binário). o que é possível destacar que há um marco bastante semelhante.

Enquanto a gaveta representa o objeto que se denota uma certa abertura, em que o momento que desejar o sujeito pode abri-la e acessar seu conteúdo estabelecido por memórias ainda que permaneça ser um instrumento polêmico por representar as ideias estereotipadas ou até mesmo indivíduos estereótipos, colocando em consideração os moradores que possivelmente manipulam esse objeto.

Não se pode dizer o mesmo do cofre e do armário, logo pensamos na expressão “sair do armário” e em todos os parâmetros que a cerca, a expressão importada dos EUA: “*skeletons in the closet*” que quer dizer algo como “esqueletos no armário” é usada como um segredo guardado a sete chaves, no qual simboliza um indivíduo que não é assumido e passa a conter dentro do armário o próprio eu do indivíduo advindo da comunidade. Para Bachelard, é no armário em que se vive a ordem de tal maneira que protege toda a casa contra uma possível desordem extrema.

O armário em sua verdade, não é um móvel do cotidiano, não possui uma possível forma de abri-lo todos os dias. A chave que o fecha, representa a alma que

não se confia e não se abre, ainda que seja um simples móvel de madeira, a alma não se confia à porta. Portanto, o móvel se mostra um benefício de estar fechado, guardando no seu interior uma história, esse mesmo armário que irradia no quarto, uma luz de razão, no qual abri-lo é viver um acontecimento advindo da brancura da realidade. Quando dois ou mais indivíduos fechados, estes se comunicam pelas mesmas simbologias, por outro lado também vai representar os indivíduos que jogam outros no armário afim de perpetuar a heteronormatividade e seus privilégios.

Esses móveis ao marcar o “testemunho sensível de uma necessidade de segredos, de uma inteligência do esconderijo” (Bachelard, 1978, p. 250). O poder da vida íntima, no qual o ser humano possui o poder de abrir como de fechar a fechadura. Além de acionar deliberadamente a psicologia quando faz os estudos entre as questões psicológicas do segredo que o indivíduo luta para esconder em primeiro momento e por outro lado encontra a alma fechada. No entanto, aqui se pergunta os motivos pelos quais trancar nos armários ou até mesmo nos cofres. O medo da rejeição por parte de seus próprios familiares e amigos, a violência na rua e da morte, podem fazer o indivíduo trancar-se por dentro, parece ser mais seguro, tendo em vista uma sociedade que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIAPN+

O cofre parte da ideia de uma necessidade de segredos, aqui o cofre representa o próprio segredo como também a memória do imemorial, é no cofre que se guarda objetos de valor aquisitivo, mas levando para uma outra reflexão, o cofre guarda algo de valor individual, cujo, ao guarda um bem que não é comunicado e ainda sim fortemente trancado, denota uma dimensão traçada pela intimidade o que se guarda só desrespeito a quem tem as chaves.

Ao abordar a chave e fechadura, confirma que a psicanálise evidencia símbolos sexuais, mascarando a profundidade dos devaneios da intimidade. Mas a chave também age sozinha – um pensamento secreto encontra a imagem do cofre, seguindo o preceito do cofre rilkeano (menção ao poeta de língua alemã Rilke). O devaneio, vivido pelos poetas e que permanece no mundo, “abre os cofres, condensa as riquezas cósmicas num pequeno cofre. O poeta acumula o universo em torno de um objeto, num objeto” (Bachelard, 1984, p. 252). A chave simboliza a segurança, a ideia de ter consigo a guarda dos próprios devaneios, a descoberta, a fechadura marcada pela vontade do arrombador, como sinal único de poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que foi efetuado nos mostra o quão importante pode ser as obras de Conceição Evaristo para as pesquisas geo-literárias, no qual podem desenvolver reflexões geográficas profundas. A partir de sua obra podemos discursar a respeito do espaço, como da necessidade de estudo da obra poética vai de encontro com a reflexão a respeito da lírica, trazendo suas relações com o espaço dentro da casa, suas possíveis definições e a forma como a filosofia de Bachelard ajuda a fazer-nos transitar entre o espaço poético e o espaço geográfico.

No que se refere a esse trabalho um dos objetivos foram analisar como o espaço se manifesta na obra e como a obra construiu o espaço, é pela aproximação da literatura, mais ainda por parte da poesia que percebemos diversos aspectos da geografia, o espaço por sua vez adentra ao cenário na poesia, logo quando matéria sensível e subjetiva como a filosofia. Desse modo, pressiona a geografia de modo a ao ponto de vista crítico sem desviar da clareza fértil do assunto abordado.

A casa por sua vez, entendemos que é um símbolo íntimo e sensível que metaforicamente dialoga com a sociedade em primeiro plano. Discutimos no tópico “por um espaço poético na geografia” os nuances do espaço de modo a entendê-lo de modo geográfico e partir para o espaço literário, a topoanálise que tiramos das ideias de Bachelard, serviu para aprofundarmos a respeito do espaço dentro das obras literárias. Podemos analisar como o espaço da casa dialoga com a geografia, pois é o espaço que nos sentimos seguros e denota a estabilidade, a vivência na casa ou a falta dela, dialoga com uma geografia da sociedade ao mesmo tempo que a interação humana com o espaço, denota as vivências do indivíduo.

Conceituamos uma nova categoria de espaço que existe dentro de outro espaço como a casa, que contém vários cômodos, aqui ganha nome de subespaço. Discutimos acerca da fenomenologia a partir das ideias de Bachelard, cujo a imaginação e o devaneio são elementos que levam para além da representação física do espaço, leva para as questões sociais e culturais. Ao adentrarmos na casa, percebemos seus cômodos e analisamos metaforicamente como se construiu, o quarto do despejo, a cozinha, o porão e o corpo como o primeiro espaço que dialoga com os nuances de quando o indivíduo é atirado no mundo e se encontra em situação de rua.

Cada cômodo tem sua representatividade, ou melhor subespaço, começamos pelo quarto, pois não é apenas o subespaço de dormir, é o espaço que se despeja os

“moves, bugigangas que não são adequados está na sala de estar, quantos indivíduos não pertencem a esse espaço?! Se tornando esquecidos por aqueles que transitam onde querem e são “donos da sala estar”, a metáfora da sociedade, da casa grande, que colocam sobre esses indivíduos o peso de suas próprias necessidades, seja pela casa que lhe falta, pela fome, o frio e a falta de oportunidade. Nesse espaço o sujeito não dorme, ele lamenta e muitos deles perdem a esperança de que esse quadro uma vez possa mudar e uma vez que sejam ouvidos.

A cozinha que representa o coração da casa vai de encontro ao cansaço do trabalho doméstico que foi por muitos anos destinado a mulher. Nos dias atuais não é um espaço meramente feminino, pois com as lutas feministas, o papel da mulher se diversificou a partir do momento de seu ingresso no mercado de trabalho, ainda que a cozinha represente o cuidado, a nutrição e ao mesmo tempo as festividades.

Como o espaço percebe o corpo, pois faz de sua existência como sujeito pensante perante as cobranças da sociedade. O corpo é o espaço de existência e o mesmo está relacionado com a perspectiva da experiência pelo qual o indivíduo experimenta ao longo da vida, o corpo é o nosso primeiro espaço, e a nossa primeira casa é o corpo da nossa mãe.

É possível perceber o resgate da mulher como ser sagrado, ainda que o patriarcado ainda tenha bastante forçada, a mulher está cada vez mais buscando e resgatando do seu lugar, pois a partir do momento que todas as coisas são duplas, não cabe só olhar para o masculino, maternidade e da sacralidade da mulher em ser sujeito cíclico nos coloca a prova as questões da identidade feminina e ao mesmo tempo que denuncia o sufocamento dos cultos as Deusas femininas ao longo da história.

De forma simbólica a respeito do subespaço do porão como o espaço de memória no qual a carreta questões do passado que a sociedade quer esquecer, mas ao mesmo tempo guarda as memórias do navio no qual trouxe as populações africanas para o Brasil. O sentido do porão está na forma pelo qual se permite firmar a memória, apesar do tempo querer fazer cair no esquecimento, a história e a poesia fazem o papel para que não nos esqueçamos do racismo que ainda se mostra presente na sociedade, a conexão simbólica do passado é de suma importância para regressar de forma significativa e com orgulho a identidade afro-brasileira, pois é preciso lembrar para que se não cometa os mesmos erros do passado. A relevância do poema ao contribuir com a pesquisar se dá a partir do resgate da memória, de sua

identidade tripla que destaca no poema, como mulher, negra e pobre, assim as contribuições são grandiosas uma vez que através de sua escrita foi possível discutir a respeito da história, o subespaço do porão e identidade a partir da escrita de vivência da autora.

A casa não representa simplesmente o conforto, refúgio e estabilidade, mas traz em sua representatividade como ambiente de desenvolvimento, no qual a família possui um papel muito importante na formação da identidade, podendo ser um espaço de solidão, alegria e sonho. Pois marca a alegria das comemorações, a solidão marcada pela falta de diálogo entre os familiares e muitas das vezes a o desrespeito com outro morador da casa pela sua orientação sexual ou intolerância religiosa, por exemplo. A casa é refúgio, mas passa a ser uma prisão. Já o sonho está relacionado ao desejo de morar em outra morada, a casa na praia, casa no campo são exemplos relacionado ao sonho.

Ao propor uma geografia com poesia entendemos as contribuições da literatura, pois só é possível a partir do momento de dois olhares, por um lado o olhar geográfico e por outro o olhar poético, para criar uma imagem de palavras que é construída a partir da vivência do indivíduo que absorve os detalhes sensoriais e subjetivos. As narrativas poéticas que descrevem a experiência do sujeito são fundamentais para entender a complexidade do espaço que ele é inserido.

A interdisciplinariedade levada a sala de aula entre a geografia e a literatura marca uma possibilidade de investigar a geografia utilizando da poesia como recurso didático, no que se refere ao espaço é possível relacionar o conhecimento das duas áreas e levar para um contexto específico, uma vez que essa prática pedagógica enriquece o olhar do alunado para compreender tanto o mundo ao seu redor, quanto seu cotidiano. Pois a geografia é uma ciência por si só interdisciplinar em sua abordagem do âmbito social ou da natureza.

Utilizar a poesia de Conceição Evaristo para dialogar a respeito do espaço da casa trazendo as considerações da poética de Bachelard, trouxe reflexões importantes acerca da forma como esse espaço é utilizado dentro e fora da poesia. Desse modo, entendemos que a poesia feminina afro-brasileira é uma questão polêmica, pois, alguns setores desde os meios de comunicação ao meio acadêmico se recusam a discutir a respeito da escrita, sendo um ato de resistência onde a literatura se integra como parte importante para o debate sociopolítico, a poesia feminina é uma arma para ser utilizada como denúncia e contra a marginalização.

A perspectiva na construção de uma imagem de voz ancestral se faz ouvir no seio da poesia de Conceição, uma vez, que se considera na análise dos poemas seu valor social e estético. Buscamos dialogar com a riqueza de informação dos poemas, trajado de vivencia da autora, o que possibilita dar a voz a sua ancestralidade e ao mesmo tempo refletir as condições de vida e como isso se reflete na sociedade.

Conceição subverte as narrativas tradicionais e ao mesmo tempo que oferece um olhar simbólico e poderoso sobre as imagens que consolidam a mulher como núcleo de sua escrita que reafirma sua importância não apenas na perpetuação da espécie, mas como a essência que traz sentido ao mundo, pois seu discurso poético reflete a liberdade e a complexidade das experiências femininas. A relevância da poesia de Conceição Evaristo está na recusa de permanecer marginalizada e foi possível analisar de modo que trouxesse a consciência histórica na compreensão da desigualdade social e raciais que estão presentes no Brasil.

A casa se relaciona com todos os seus cômodos (subespaços) e recantos de forma simbólica e ao mesmo tempo traz a experiência, vivida pelos moradores desse espaço cheio de símbolos e representatividade. Em suma, essa pesquisa se mostrou bastante relevante para o âmbito da geografia cultural e da percepção, no que se refere as contribuições literárias para uma geografia com poesia, através das representações do espaço, a poesia pode representar o espaço geográfico, de maneira subjetiva, emotiva e simbólicas e culturais. Através dela é possível expressar a relações dos indivíduos com o espaço, para a construção da identidade, incluindo suas narrativas que revelam significados culturais e históricos, a crítica social, suas relações políticas, desigualdade e justiça social dentro de seus diálogos interculturais.

Gostaríamos de concluir esse trabalho por uma necessidade de destacar o poeta a partir de seu olhar para os nuances do mundo, por isso o espaço é representado segundo seu olhar, para a natureza e para os indivíduos e suas interações, pois é a partir dela e da sensibilidade do poeta que é possível expressar na linguagem, segundo suas aspirações, vivências, história e identidade. Conclui-se que esta pesquisa oferece uma contribuição valiosa para a Geografia Cultural, iluminando o componente empírico da geografia e abrindo perspectivas para futuras investigações sobre o que diz respeito a geografia com poesia.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Carolina Gondim de. **Corpos estranhos?** Reflexões sobre a interface entre intersexualidade e os direitos humanos. Campina Grande: EDUEPB, 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à toponálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2009
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. Crocodilo edições. 1ª ed. São Paulo, 2019
- Branco J. M. **A madeira como material de estruturas**. *Arte & Construção. Revista profissional da construção e dos novos materiais*. Edição Especial Madeiras. pp. 78-81, Maio 2005.
- BROSSEAU, M. Des romans géographes. Paris: L'harmattan, 1996.*
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.
- CORREA, R. L; Da nova Geografia à Geografia nova. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 74, p. 5-12, 1980.
- CORRÊA, R. L. Espaço um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 5. ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, D. (2013) EM DIREÇÃO A UMA GEOGRAFIA CULTURAL RADICAL: PROBLEMAS DA TEORIA. **Espaço E Cultura**, (5), 5–29.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, convivência e apolítica do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DELEUZE, Gilles; **Diferença e repetição**. 2ª ed. São Paulo: Graal, 2006
- PRIORE, Mary Del. **Ao sul do corpo**: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009. 304 p.
- EVARISTO, Conceição. “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face”. **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. (ed.) Nadilza Martins de Barros Moreira and Diane Schneider. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

IBGE. Agência de Notícias. Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza> Acesso em: 01 nov. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto do despejo**: diário de uma favelada. 9. ed, São Paulo: Ática. 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro, Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria. de. **O diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 10 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008

KOSS, Monika von. **Rubra força**: fluxos do poder feminino. São Paulo: Escrituras editora, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, [1974] 1991.

LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

Lévi-Strauss C. **O cru e o cozido**. São Paulo, CosacNaify, 2004. 442 p. (Mitológicas, 1).

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Seleção de textos** de Marilena de Souza Chauí. São Paulo. Abril Cultural, 1980.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. **Les Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. V. 1, p. XV-XLII.

OLIVEIRA, E. V.; GALHANO, F; PEREIRA, B. **Construções Primitivas em Portugal**. Lisboa: Instituto da Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia, 1969.

PINHEIRO NETO, José Elias. Geografia e literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. **Boletim Campineiro de Geografia**. v. 2, n. 2, 2012.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SOJA, Edward W. **Geografia pós-moderna**: a reconfiguração do espaço na teoria social. 2. ed. editora Jorge Zahar Editor Ltda., no Rio de Janeiro, 1993.

SUZUKI, J. C. Oposta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de "A rosa do povo". In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. **Geografia e literatura**: ensaios sobre geografia, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. p. 243-256.

TASSARA, E. T. O. & RABINOVICH, E. P. (2003). Perspectivas da Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, 8(2), 339-340.